

DESTAQUE

PÚBLICO • DOMINGO, 17 DEZ 2006

QUEM SÃO OS 4877 INQUIRIDOS?

Cerca de metade dos adolescentes refere que a sua família tem dois ou mais carros (52,4 por cento). A grande maioria diz possuir quarto próprio (75,4 por cento). Mais de metade afirma ter um computador em casa (56 por cento). Estes são alguns dos indicadores de bem-estar económico recolhidos num inquérito aplicado em Janeiro a 4877 alunos de 136 escolas públicas do ensino regular. A amostra de alunos é representativa da população escolar portuguesa que frequenta os 6.º, 8.º e 10.º anos de escolaridade, de acordo com os autores do estudo A saúde dos Adolescentes Portugueses, que recebeu o financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e da Coordenação Nacional para a Infecção VIH/SIDA. Os questionários eram anónimos e foram preenchidos na sala de aula. A maioria dos adolescentes tem nacionalidade portuguesa (94,1 por cento). O nível do pai dos inquiridos situa-se mais frequentemente no 1.º ciclo (34,6 por cento) e o da mãe no 2.º e 3.º ciclos (34,4 por cento). Relativamente à percepção do nível financeiro da sua família, 39,1 por cento dos adolescentes referem que é "bom". Esta semana os primeiros dados são colocados na Internet no site da equipa responsável pelo projeto: www.aventurasocial.com

ENRICH VIVES-RUBIO



Ao inquérito responderam quase cinco mil alunos dos 6.º, 8.º e 10.º anos de escolaridade, com uma média de idades de 14 anos

Adolescentes usam mais o preservativo e fumam menos

São menos os que afirmam que na sua última relação sexual não usaram preservativo. Contudo, 18,9 por cento ainda arriscam. Os adolescentes portugueses estão a ter comportamentos mais saudáveis? Os resultados de um inquérito nacional trazem boas e más notícias: fazem mais desporto, fumam menos, mas alimentam-se pior

POR ANDREIA SANCHES

Há menos fumadores diários entre os adolescentes portugueses - "parece que já não é tão trendy fumar". São mais os que usam preservativo, mas "não aumentou o número dos que nestas idades iniciam a sua vida sexual". As saídas nocturnas parecem ser menos frequentes e o consumo regular de álcool estabilizou de há quatro anos para cá. Contudo, o pequeno grupo dos que relatam várias bebedeiras tem vindo a engrossar.

Por outro lado, a forma como os adolescentes se alimentam degradou-se - só um quarto diz comer vegetais todos os dias e são menos os que referem tomar sempre o pequeno-almoço. A pergunta óbvia é: afinal, os adolescentes portugueses estão mais ou menos saudáveis? Mas os resultados de um inquérito feito em Janeiro a quase cinco mil alunos dos 6.º, 8.º e 10.º anos de escolaridade, com uma média de idades de 14 anos, oferecem sinais contraditórios.

O relatório preliminar, a que o PÚBLICO teve acesso, chama-se *A Saúde dos Adolescentes Portugueses*. A pesquisa é feita pela terceira vez em Portugal, e a informação recolhida deverá, como sempre, integrar o *Health Behaviour in School-aged Children* - um estudo da Organização Mundial de Saúde realizado de quatro em quatro anos

por uma rede europeia de profissionais ligados à saúde e à educação que procuram estudar "os estilos de vida dos adolescentes e os seus comportamentos nos vários cenários da sua vida".

Elas, mais do que eles, fumam todos os dias

O estudo internacional, que permitirá comparações entre países, só deverá estar pronto dentro de um ano. Para já, Margarida Gaspar de Matos, investigadora da Faculdade de Motricidade Humana e coordenadora da investigação em Portugal, sublinha que o inquérito aplicado este ano revela que "há vários indicadores que apontam para uma inversão do desaire de 2002" - altura em que tanto em matéria de consumos de substâncias, como de hábitos capazes de prejudicar a saúde e o bem-estar dos jovens, a situação portuguesa tinha piorado.

Agora há várias boas notícias, de acordo com a investigadora: "Há muito mais utilização do preservativo e a descida do consumo do tabaco é fantástica, por exemplo."

Actualmente, cinco por cento dos adolescentes são fumadores diários - há quatro anos a percentagem era de 8,5 por cento; em 1998 atingia os 5,9 por cento. Ao contrário do que se passava em 2002, já há mais ra-

parigos do que rapazes a consumir diariamente tabaco.

No grupo dos "16 anos ou mais" a taxa de fumadores diários sobe para 15 por cento; era, em 2002, de 23 por cento. À pergunta "Já experimentaste tabaco?" 32,8 por cento dos adolescentes dizem que sim; em 2002 a percentagem era de 37,1 por cento.

Quase um quarto dos jovens teve relações sexuais

"Claramente começa a haver um desprestígio social associado ao tabaco. Já não é tão trendy fumar", diz Margarida Matos. "Conseguiu-se uma coisa muito engraçada com os adolescentes, que foi apelar para coisas como o facto de o tabaco tornar a pele seca ou provocar mau hálito... questões que são muito imediatas e que têm repercussões na imagem do corpo, se é algo com que os adolescentes se preocupam."

A utilização do preservativo é outro dos aspectos muito valorizados por Margarida Matos. Que explica: o número de adolescentes dos 8.º e 10.º anos que dizem já ter tido relações sexuais mantém-se idêntico (22,7 por cento, contra 23,7 por cento em 2002). Mas, dentro deste universo, a percentagem dos que dizem que na última relação sexual não utilizaram

preservativo diminuiu em relação a 2002 - há quatro anos 29,9 por cento fizeram saber que não tinha usado preservativo; agora são 18,9 por cento.

"Algumas pessoas poderão ler nisto o seguinte: 'Tanto chatearam os miúdos que agora todos usam preservativo', mas é preciso dizer que não aumentou o número de jovens nestas idades a iniciar a sua vida sexual. Os que iniciaram é que usam mais o preservativo", continua a psicóloga. "A ideia de que é melhor esconder a sexualidade dos jovens, porque se sabem muito do assunto vão a correr experimental, não é de todo verdade."

Quanto às más notícias do relatório, o abuso do álcool é uma delas. Se o consumo diário de álcool se mantém com valores idênticos ao longo dos anos (entre 0,5 e 1 por cento reportam consumos diários, conforme as bebidas sobre as quais é feita a pergunta), são cada vez mais os que dizem já ter estado embriagados quatro vezes ou mais - em 1998 a taxa era de 4,2 por cento; em 2002 de 5,3 por cento; em 2006 de seis por cento. "É uma percentagem muito pequena, mas é um padrão" ao qual se deve prestar atenção, diz Margarida Matos. Até porque no grupo etário dos "16 ou mais anos" a taxa já é de quase 20 por cento. ■

Jovens mais insatisfeitos com o corpo fazem mais dietas

Um em cada dez obriga-se a um regime alimentar, sobretudo as raparigas

“Mudarias alguma coisa no teu corpo?” A pergunta nunca tinha tido tantas respostas afirmativas. Mais de metade (55,1 por cento) dos adolescentes não tem dúvidas... mudaria. Os resultados do inquérito feito a quase cinco mil alunos portugueses com uma média de idades de 14 anos revelam que houve “um aumento do desejo de alterar o corpo”. Em 2002 a percentagem dos que afirmavam o mesmo era de 46,4 por cento.

São também mais os que acreditam que estão gordos (em um terço acha que sim). Por isso, não é de estranhar que as dietas sejam mais populares à medida que a idade avança: 10,5 por cento dos adolescentes obrigam-se a um regime alimentar, (contra sete por cento em 2002).

São sobretudo as raparigas que mais insatisfação demonstram (a percentagem das que fazem dieta é o dobro da que se verifica entre os rapazes) mas eles preocupam-se cada vez mais com a aparência, mostram ainda os números.

À medida que se sobe na escala etária, a necessidade de conquistar um corpo diferente vai sendo maior – aos 15 anos, por exemplo, mais de seis em cada dez revelam desejo de mudar algo; aos 11 anos, a percentagem é de 42,5 por cento.

O tema da anorexia está na ordem do dia, mas Margarida Matos, coordenadora do estudo A Saúde dos Adolescentes Portugueses, não lê nos dados a possibilidade do risco dos distúrbios alimentares estar a aumentar. “Não creio que esta questão da insatisfação com o corpo tenha a ver com o querer pesar menos ou mais, tem antes a ver com uma insatisfação geral, com tudo” – o nariz, o rosto, a barriga, o peito...

De resto, o desejo crescente de mudar de imagem, de moldá-la a outra que se considera mais adequada não terá em muitos casos reflexo naquilo que, na verdade, a balança revela quando os adolescentes se põem em cima dela. É que a maioria (68,3 por cento) apresenta um índice de massa corporal normal (tendência que de resto se tem mantido ao longo dos anos). A magreza excessiva atinge 13,7 por cento dos inquiridos; 15,2 por cento têm excesso de peso; há obesidade em 2,8 por cento dos casos.

Também não se tratará de uma questão de não se sentir saudável. Mais de oito em cada dez (84 por cento) inquiridos classificam a sua saúde como Boa ou Excelente – o que representa até uma melhoria em relação a 2002.

Margarida Matos diz que ainda é preciso estudar os dados recolhidos, cruzá-los com entrevistas, mas avança uma hipótese: nos últimos anos houve um crescimento enorme da oferta de cirurgias plásticas e a mensagem de que é possível mudar o corpo está constantemente a ser ventilada na comunicação social: “Ponha o nariz assim, o corpo assado, a cara assim, tire a ruga... se calhar isto leva a pessoas a ser mais exigentes”. O que não é obrigatoriamente mau. “Temos de ver se esta preocupação com a imagem tem a ver com um certo brio, e isso é positivo, ou se tem que ver com outra coisa”. ■ A.S.

Os adultos não estão a ser capazes de ser figuras de referência, diz a psicóloga Margarida Gaspar de Matos que coordenou o inquérito sobre saúde nos adolescentes portugueses

“A prevenção do risco está a resultar, agora temos de apostar na promoção do bem-estar”

POR ANDREIA SANCHES

A Internet e as consolas são coisas fantásticas, diz a psicóloga Margarida Gaspar de Matos. Mas estão a ajudar os jovens a, de alguma forma, isolar-se. “Apareceu-me no outro dia uma jovem muito desgastada porque tinha sido assaltada num jogo na Internet.” A professora da Faculdade de Motricidade Humana e do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, em Lisboa, integra o Grupo de Trabalho da Educação para a Saúde criado pelo Ministério da

pecou um bocadinho por não ser uma figura de referência.

Como assim?

Porque se eu quero muito ser muito amiga do meu filho eu não sou um adulto de referência para ele. Sou um juvenzinho que está lá em casa e a minha filha olha para mim, por hipótese, e diz: ‘coitadinha da minha mãe hoje levou outra vez uma descompostura do chefe’. Sou mais amiga da minha filha do que era amiga da minha mãe, mas não sou a figura de referência para a minha filha que a minha foi para mim.

mem identidades. Chegam a casa e assumem a identidade número dois e aquela identidade número dois é uma vida. Uma vida em que as pessoas têm emprego, dinheiro, amigos e, pelos vistos, também são assaltadas... de tal maneira que no dia seguinte vão falar sobre isso com o terapeuta.

Há quatro anos a Internet não tinha a expressão nos lares portugueses que tem agora [83,5 por cento dos adolescentes inquiridos disseram ter pelo menos um computador em casa]. Os adolescentes bebem menos, fumam menos, saem menos à noite... é como se

cadore estabilizaram, alguns até melhoraram. Houve uma descida fantástica no consumo de tabaco, aumentou o uso do preservativo – e aumentou muito – houve um aumento da actividade física e houve melhorias ao nível da violência, como a diminuição da vitimização nas escolas. Há menos jovens a dizer que são provocados [49,3 por cento relatavam, no inquérito de 2002, ter sido provocados nos dois meses anteriores, em 2006 a percentagem passou a ser de 40,8], o que quererá dizer que as vítimas estão a ser mais capazes de se defender, por um lado, e por

outro, que os professores estarão hoje mais alerta e portanto as situações não se agravaram.

Ou seja, são mais saudáveis face aos comportamentos de risco, mas ao mesmo tempo reportam uma relação menos relevante com adultos e isolam-se mais num lazer sedentário (TV e internet/consola).

Temos andado a batalhar em termos da prevenção dos comportamentos de risco e isso parece estar a surtir efeitos. A prevenção do risco está a resultar, agora temos de apostar na promoção do bem-estar.

O que é que está a falhar?

Uma das coisas que continua a faltar – porque está estável, mas estava muito mal em 2002 – é

a questão da ligação dos miúdos com a escola. No o último estudo Health Behaviour in School-aged Children, os miúdos portugueses eram os campeões, comparados com os outros jovens dos países europeus que integraram o estudo, a dizer que os professores os achavam mais alunos e incapazes, e ficavam, mais do que os outros, dos outros países, super stressados com os trabalhos de casa. Mas depois achavam que a escola era um bom sítio para estar com os amigos. É muito bom que a escola seja um bom sítio para se estar, mas não é função da escola ser um sítio para se estar, porque só para isso, há outros sítios agradáveis. Na escola, claramente, aprende-se. E não há nada melhor do que um aluno muito contente porque conseguiu aprender. ■

DAVID CLIFFORD



Educação. E tem coordenado ao longo dos anos a equipa que tem levado a cabo o estudo A Saúde dos Adolescentes Portugueses.

PÚBLICO – Mais adolescentes dizem passar muitas horas na Internet, a jogar jogos, a ver televisão. Como lê este facto?

Margarida Gaspar de Matos – A Internet é fantástica, as consolas também, mas de repente olho para estes jovens e vejo que a comunicação com o adulto piorou. Há uma pior comunicação tanto com os professores como com os pais. Creio que há uma geração que, de facto, não comunica com os filhos porque não sabe, porque os filhos estão muito distantes deles, e depois há uma geração de pais muito angustiados porque tinha sido assaltada num jogo na Internet. Há jogos nos quais as pessoas assu-

De 1998 para 2002 dispararam os comportamentos de risco, registou-se um maior consumo de bebidas alcoólicas, de drogas, os adolescentes estavam a fazer menos actividade física e menos desporto. Ao longo dos últimos quatro anos esses indicadores estabilizaram, alguns até melhoraram.

Estão mais sós os adolescentes?

... encontraram uma maneira de estar sozinhos, a televisão ou a Internet são coisas que fazem com que eles se bastem a eles próprios. Apareceu-me no outro dia uma jovem [que acompanho como terapeuta] que estava muito desgastada porque tinha sido assaltada num jogo na Internet. Há jogos nos quais as pessoas assu-

tivessem arranjado outra alternativa.

Mas são mais saudáveis, ou menos saudáveis?

Essa é a grande questão. De 1998 para 2002 dispararam os comportamentos de risco, registou-se um maior consumo de bebidas alcoólicas, de drogas, os adolescentes estavam a fazer menos actividade física e menos desporto. Ao longo dos últimos quatro anos esses indi-

OUTROS RESULTADOS

Numa escala de zero a 10, satisfação com a vida merece 7,3

A maioria dos adolescentes diz que se sente feliz; 17,3 por cento afirmam o contrário. Quanto mais velhos, mais insatisfeitos, mostram ainda os resultados do inquérito a quase cinco mil alunos dos 6.º, 8.º e 10.º anos. Aos 11 anos, 10 em cada cem dizem que não estão felizes; aos 15, há o dobro de respostas idênticas; na faixa etária dos "16 anos ou mais" quase um quarto confessa-se infeliz.

Quase 10 por cento andam com armas

Mais de dois terços dos inquiridos afirmam que gostam da escola, um valor idêntico ao observado em 2002, mas inferior ao registado em 1998 (86,9 por cento). A relação com os colegas mantém-se boa, na maioria dos casos – oito em cada 10 dizem que "os alunos da turma gostam de estar juntos". Ainda assim, um grande número de adolescentes continua a dizer que foi, nos últimos dois meses, vítima de provocação no estabelecimento de ensino (40 por cento), pelo menos uma vez. De resto, 9,3 por cento confessam que transportaram armas no mês anterior ao inquérito. A percentagem de inquiridos (45,6 por cento) que diz que os docentes se interessam por eles como pessoas baixou ligeiramente; 64,7 por cento assinalam que os professores os ajudam quando necessário (uma descida de quatro por cento em relação a 2002).

Mais velhos consomem mais drogas

Haxixe: 8,2 por cento dos inquiridos dizem que experimentaram (menos um por cento do que em 2002). Estimulantes: a percentagem é de 3,5 por cento (tantos quanto há quatro anos). LSD: 1,8 por cento (mais 0,1). Heroína: 1,4 (mais 0,2). De acordo com o relatório, o consumo de drogas encontra-se "estável" desde 2002. A pergunta: "Consumiste drogas no último mês?", 4,5 por cento respondem afirmativamente (contra 6,6 por cento há quatro anos). Continuam a ser os mais velhos a experimentar mais e a consumir mais; 22,5 por cento dos adolescentes com pelo menos 16 anos já experimentaram haxixe e 3,9 por cento dizem que consumiram esta droga no mês anterior ao inquérito.

Actividade física tem mais adeptos

Em quatro anos, os jovens passaram a mexer-se mais: 14,5 por cento dos inquiridos referem prática diária de actividade física (contra 12,6 por cento em 2002). Continuam a ser os rapazes os mais activos. Com a idade, aparece a preguiça, porque à medida que se avança nas faixas etárias, diminui a actividade física

— tendência que já se verificava em anos anteriores. Ainda assim, a maioria (93 por cento) dos jovens dizem já ter praticado algum desporto (contra 81 por cento em 2002).

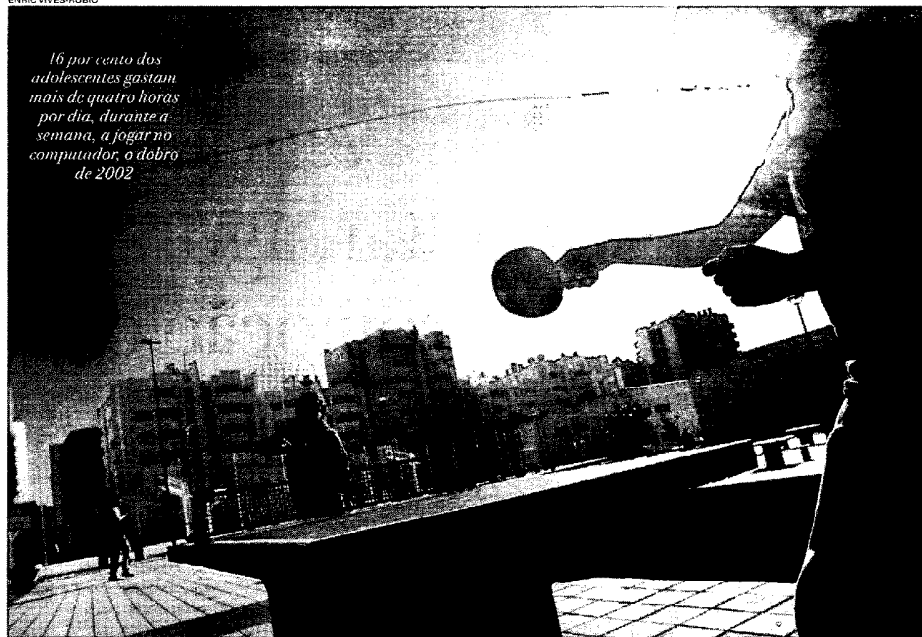
"Estar apaixonado" é a segunda razão para iniciar vida sexual

A maior parte dos adolescentes que já iniciaram a sua vida sexual dizem que o fizeram com 14 ou mais anos, mas as raparigas tendem a começar mais tarde do que os rapazes. Quanto à razão que leva ao início da vida sexual, a opção "para experimentar" é a mais escolhida (36,5 por cento) pelos alunos do 8.º e 10.º anos. "Estar muito apaixonado" aparece em segundo lugar com 34,1 por cento. Um relatório Comportamento sexual e conhecimentos, crenças e atitudes face ao VIH/Sida aprofunda alguns dos dados obtidos no inquérito aos adolescentes feito em Janeiro. "Começar a vida sexual para experimentar faz parte do que é o crescimento, e dizer que é porque está muito apaixonado também faz parte do que é a sexualidade, portanto numa perspectiva científica, e não moralizante, o nosso papel é prevenir as doenças sexualmente transmissíveis, a gravidez não desejada", diz a psicóloga Margarida Gaspar de Matos, coordenadora do estudo A saúde dos adolescentes portugueses. "Agora há uns tantos que dizem que tiveram relações sexuais porque estavam embriagados [10,9 por cento], ou para o parceiro não ficar zangado [12,7 por cento], e isto sim é preocupante".

Maioria acha que não vai ser infectado pelo HIV

A utilização de contraceptivos aumentou – 87,3 por cento por cento dos adolescentes do 8.º e 10.º anos dizem que da última vez que tiveram relações usaram algum contraceptivo, sendo que o preservativo, a pílula e o coito interrompido são os mais apontados. Há quatro anos, não mais de 75 por cento afirmavam o mesmo. O estudo sobre sexualidade mostra ainda que grande parte dos inquiridos sabe identificar correctamente os modos de transmissão da sida (por exemplo, 86,7 por cento dizem que uma dessas formas é "ter relações sexuais sem preservativo, nem que seja uma só vez"). E sete em cada dez jovens garante que se sentiria à vontade para recusar ter relações se o parceiro não quisesse usar preservativo; os restantes sentiram-se pouco à vontade (9,4 por cento) ou incapazes (7,7); 13 em cada cem não respondem. O relatório sobre sexualidade revela ainda que a maioria dos adolescentes (57 por cento) considera que não corre qualquer risco de ser infectado. São os rapazes quem mais admitem a hipótese de correr risco, na maior parte dos casos por causa da não utilização de preservativo... A. S.

ENRICH VIVES-RUBIO



16 por cento dos adolescentes gastam mais de quatro horas por dia, durante a semana, a jogar no computador, o dobro de 2002

Jogar computador e consola, navegar na Net, ver televisão – são os prazeres que ocupam cada vez mais tempo da vida dos adolescentes. O PÚBLICO pediu a jovens de uma escola de Lisboa para comentarem algumas das conclusões do inquérito nacional sobre saúde

POR ANDREIA SANCHES

"PASSO MAIS TEMPO COM OS MEUS AMIGOS NO MESSENGER DO QUE PESSOALMENTE"

João, 14 anos, vai provocando Pedro, de 15: "Quantas vezes foste à praia este Verão, Pedro? Quantas vezes?" Pedro é conhecido entre os amigos por "passar a vida ligado à Internet". Ele bem diz que são só quatro horas por dia. Mas os amigos querem provar que a falta de vontade que Pedro tem de fazer outras coisas, como ir à praia, está ligada ao excesso de tempo gasto à frente do computador. Pedro irrita-se com a insistência: "O que é que interessa quantas vezes fui à praia?"

O grupo de alunos da Escola Secundária de Vergílio Ferreira, em Lisboa, é irrequieto e bastante crítico. "Não foste nenhuma vez à praia porque estás sempre no Messenger" – um sistema de conversação instantânea na Internet –, atira Marta, 14 anos. Pedro acaba por responder a contra-gosto: "Pronto, é verdade, fui uma vez à praia nas férias!" E concede: "Nas férias passo mais tempo na Net".

João sorri. Ganhou o debate, provou o que queria. Mas ele próprio não tem dúvidas: "As pessoas precisam cada vez menos de se encontrar. Passo mais tempo com os meus amigos no Messenger do que pessoalmente".

João, Marta, Sofia, Inês, Bruno, Gonçalo têm entre 14 e 16 anos e são alguns dos adolescentes da Secundária Vergílio Ferreira que aceitaram comentar alguns resultados preliminares do estudo *A Saúde dos Adolescentes Portugueses*.

De acordo com o relatório, houve um aumento considerável dos que passam várias horas à frente de um ecrã: 16 por cento dos adolescentes gastam mais de quatro horas por dia, durante a semana,

a jogar no computador, o dobro de 2002. Mais de um terço (35,8 por cento) refere que passa quatro horas ou mais a ver televisão. Falta ainda contabilizar o tempo despendido à frente do computador para "conversar" em "chats", navegar na Net e fazer os trabalhos de casa: 40 por cento fazem-no uma a três horas por dia; 15 por cento precisam de um mínimo de quatro horas.

Ao fim-de-semana, todas as médias disparam. Para quase 30 por cento dos adolescentes cabe, em cada sábado, quatro ou mais horas de jogo na Net ou consola e em cada domingo outras tantas.

Os autores do inquérito não deixam de notar que a "elevada componente sedentária" das actividades com que são preenchidos os dias dos adolescentes é algo que se pode associar a um perfil de risco (porque, é sabido, o sedentarismo faz mal à saúde) e a um baixo contacto social directo.

Já os adolescentes com quem o PÚBLICO falou acham que não tem mal nenhum estar mais tempo na Net desde que "não se deixe de gostar de fazer outras coisas", como sair com os amigos – que ainda é, garante Sofia, 15 anos, aquilo que "qualquer jovem gosta mais de fazer".

"Um padrão de beleza quase impossível"

Ninguém neste grupo fuma. Sofia acha que é por acaso, porque na verdade acredita que "cada vez mais colegas fumam". João tem outra percepção. "Acho que já não há aquela ideia de que o fumar dá estilo", Pedro acrescenta: "Os fumadores

são cada vez mais influenciados pelos não fumadores para deixar". Por isso, não estranha os resultados do inquérito nacional que dizem que há menos jovens a fumar.

Menos divergência de opiniões causa a ideia de que a preocupação com o corpo tem aumentado. É que "os adolescentes são muito maus uns para os outros, são muito cruéis, criticam qualquer defeito que vejam no corpo os outros", explica Marta.

"A sociedade hoje em dia impõe um padrão de beleza que é muito impossível", diz Inês, 14 anos. "Ela não come, simplesmente!", criticam os colegas. Inês cora. "É mentir!" E pede que respeitem a sua privacidade.

Passa-se ao capítulo seguinte: o uso de preservativo. "Claro que os adolescentes estão a usar mais. Fala-se disso na escola, fala-se muito das doenças sexualmente transmissíveis", assegura Bruno, 14 anos. Sobre o que estes jovens acham que ainda se fala pouco é de droga – "ainda é um bocadinho tabu". E quando chega a vez de debater o tema, o debate volta a acender-se. Ao grupo vão-se juntando mais colegas. E todos opinam. Há quem diga que mais dia menos dia vai acabar por "fumar um charro, para experimentar", uma das vezes no meio da multidão arrisca dizer que já experimentou uma vez, a maioria diz que nunca experimentará, que a droga "é uma porcaria" e é "para os fracos".

Já o abuso de álcool está longe de provocar a mesma discussão. "As bebedeiras são mais aceites". Todos concordam. ■

ID: 15662808	Público	Tiragem: 60923	Página: 1
Data: 17-12-2006		Pais: Portugal	Cores: Preto e Branco
		Âmbito: Informação Geral	Área: 20,47X6,38 cm2
		Perid.: Diária	Corte: 4 de 4

Adolescentes portugueses fumam menos, mas alimentam-se pior

Há menos fumadores diários entre os adolescentes portugueses, são mais os que usam preservativo, as saídas nocturnas parecem ser menos frequentes e o consumo regular de álcool estabilizou de há quatro anos para cá. Por outro lado, a forma como os

adolescentes se alimentam degradou-se – só um quarto diz comer vegetais todos os dias e são menos os que referem tomar sempre o pequeno-almoço. O estudo, a que o PÚBLICO teve acesso, chama-se *A Saúde dos Adolescentes Portugueses*. **P3 A 5**

Inquérito a quase cinco mil alunos, com uma média de idades de 14 anos, toma o pulso aos hábitos e à saúde